

2. Partido adotado – aponte para www.design.com/edu

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertextos, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura. (Ramal, 2002:84)

Neste capítulo pretendo descrever o contexto em que a pesquisa-ação foi realizada e apresentar os fundamentos teóricos que embasaram o presente trabalho.

2.1. PUC-Rio/Técnicas de Comunicação II – As naves

Fundado em 1952, há cerca de 60 anos, o Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) é o maior Departamento da Instituição em número de alunos⁴ e oferece cursos de Graduação e Pós-Graduação habilitando seus estudantes para o exercício profissional em jornalismo, cinema ou publicidade e propaganda.

Todas as salas de aula estão equipadas com projetor, computador, TV, DVD, sistema de áudio e acesso à internet em alta velocidade. Essa estrutura proporciona a inclusão digital de cerca de dois mil alunos, dos quais um terço é formado por bolsistas do Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Segundo Kischinhevsky (2009), poucas carreiras foram tão dramaticamente afetadas pela era digital quanto a de comunicação. “Processos (...) passaram por intensa reconfiguração nos últimos anos, trazendo desafios para as instituições de ensino superior e para os jovens que buscam ingressar no mercado de trabalho”.

Para manter-se na vanguarda e acompanhar a convergência das mídias, o Departamento de Comunicação Social concluiu, em 2008, uma transição curricular que redistribuiu as disciplinas técnicas para garantir maior equilíbrio entre prática e reflexão teórica numa perspectiva multimidiática.

⁴Segundo site da PUC-Rio disponível em:
<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/comunicacao.html>.

Naquele mesmo ano, foi inaugurado o portal PUC-Rio Digital, um laboratório de convergência de mídia do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que une as mídias jornal, rádio, tevê, cinema, fotografia e publicidade na internet. O portal é um suporte capaz de produzir comunicação em tempo “quase real” (Kischinhevsky, Rodrigues e Barreto, 2009) com informações produzidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores, sempre mantendo o caráter didático-pedagógico que visa formar profissionais aptos a lidar com as novas tecnologias e a refletir de modo crítico sobre a realidade.

O objetivo do curso de Comunicação Social da PUC-Rio é aliar uma sólida formação intelectual, ética e humanista com o treinamento intensivo voltado para o mercado de trabalho. Com isto, a intenção é fazer com que os estudantes adquiram plena consciência de suas funções na sociedade, preparando os alunos tanto para a prática profissional quanto para a produção de novos conhecimentos.

A graduação em comunicação social é um curso de quatro anos, com investimento aproximado de dois mil reais por mês, mais suportes, transporte e alimentação. Referência de excelência há 70 anos, obter um diploma da PUC-Rio é uma conquista respeitada internacionalmente.

A disciplina Técnicas de Comunicação II (COM 1251), palco principal da presente pesquisa, é um laboratório de produção de texto criativo para turmas do terceiro período da graduação da PUC-Rio. Somos cinco professores, cada um com três turmas de, no máximo, dezenove alunos em função do número de computadores disponíveis nas salas dos laboratórios de produção. As aulas são ministradas duas vezes por semana, sempre as segundas e quartas-feiras, das 13 às 19h, cada turma perfazendo a carga horária de 60 horas /semestre.

Metade das aulas é realizada no laboratório de produção onde cada aluno tem acesso a um computador com banda larga e diversos programas necessários para pesquisas e desenvolvimento de projetos. Os outros 50% dos encontros acontecem em sala de aula tradicional.

Os professores são profissionais experientes, multidisciplinares, com muitas horas de práticas publicitárias. No desenvolvimento do plano de aula da disciplina, temos a liberdade de definir o conteúdo programático e as estratégias para treinar a tessitura dos textos dos alunos. As indicações bibliográficas complementares também são pessoais, mas, seguindo o projeto pedagógico do curso, adotamos em conjunto um livro referência, bibliografia básica, para todas as quinze turmas.

A disciplina Técnicas de Comunicação II é uma disciplina obrigatória oferecida no terceiro período e faz parte do conjunto de cadeiras comuns a todas as habilitações (jornalismo, publicidade e cinema) do curso de Comunicação Social da PUC-Rio. As outras disciplinas do terceiro período são: estética da comunicação de massa, comunicação audiovisual, comunicação em rádio, comunicação em televisão e antropologia cultural.

A disciplina COM 1251 só pode ser cursada por alunos aprovados em Técnicas de Comunicação I, disciplina obrigatória do segundo período. Ambas possuem a mesma ementa: “*Técnicas de produção de texto para jornalismo, publicidade e cinema. Laboratório de produção.*” Entretanto, a primeira tem um viés de textos jornalísticos, enquanto a segunda possui viés direcionado para textos publicitários, argumentativos e persuasivos. Em ambas, a missão é fazer com que o aluno treine a tessitura textual.

Os professores possuem autonomia para ministrar suas aulas. Cada um faz uma descrição pessoal dos objetivos do curso no programa que é entregue aos seus alunos no primeiro dia de aula. Observemos, a seguir, a proposta de cada professor na época da presente pesquisa:

- Dotar o aluno de instrumentos teóricos e práticos para elaboração de textos persuasivos nos diversos contextos em que são aplicados, nos meios de comunicação e nas atividades a eles relacionadas.

- A tessitura das palavras pela linha da sedução; dinâmicas de sensibilização criativa no processo da atividade escrita.

- Apresentar a arte, o engenho e as técnicas de como se escrever para fora.

- Proporcionar aos alunos, através de um exercício prático e constante e do conhecimento teórico, a oportunidade de aprimoramento na produção de textos persuasivos.

- Apresentar textos persuasivos em todas as áreas da cultura. Exercitar técnicas de redação de textos persuasivos. Desenvolver a capacidade de expressão do aluno com ênfase nos princípios fundamentais da criação do texto publicitário. Desenvolver a percepção do aluno para a importância do conceito por trás de toda campanha publicitária. Estimular um olhar crítico para a produção cultural. Ensaiar a criação de peças publicitárias.

Nota-se claramente que cada um tem seu conceito sobre a disciplina e elege o método de acordo com suas experiências pessoais e profissionais. Entretanto, o que significa treinar a escrita criativa em tempos de hipertextos, quando, segundo Lévy (1996), toda leitura tornou-se um ato de escrita?

Ao caracterizar o movimento social das novas gerações, Lévy (1999) nos aponta:

A emergência do Ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (1999:123)

Nesse sentido, desenvolvi um plano de aula para minhas turmas na disciplina COM1251 que propiciasse agilidade e flexibilidade, que aproveitasse as informações da vida real, do inesperado, que mudasse a cada momento e que fosse construído pelo próprio aluno. Um curso que estabelecesse diálogos e privilegiasse o acesso às informações que pudessem ser relevantes para suas vidas e seus projetos de carreiras sustentáveis.

Observei que a maioria de meus colegas executa uma estratégia que utiliza o espaço físico da sala de aula como suporte didático. Quando as aulas são no laboratório de produção, com os computadores disponíveis para alunos e professores, praticam-se exercícios de tessitura publicitária. Mas quando as aulas

são na sala tradicional, praticam-se as teorias, isto é, o falar-ditar sobre as especificidades do mundo da propaganda e do marketing. Ou, ainda, executa-se a correção pública dos exercícios praticados no laboratório na aula anterior. E, já que as salas tradicionais estão equipadas com suportes de som e imagem, muitas vezes são passados filmes comerciais ou artísticos, dependendo do tema de aula proposto.

Durante o meu primeiro semestre como professor (2007), lecionei apenas para a turma das 13h. Eram somente dezenove alunos e usei as dinâmicas dos meus outros colegas de disciplina para mediar o curso. Fui bem-sucedido muito mais por minha experiência como diretor de criação do que pela didática apresentada, confesso. Além de não ter muita prática como professor, também era aluno, estava a cursar a especialização Linguagem e Comunicação em Práticas Profissionais, ministrada pelo Departamento de Letras da PUC-Rio e tinha aprendido a identificar facilmente quando a aula era mais ou menos enfadonha para os aprendizes e professores.

Na especialização, vivenciei a experiência de ser representante de turma e, para auxiliar as dinâmicas de comunicação da classe, formatei um grupo de discussão virtual (yahoo grupos), com a concordância dos professores do curso, onde alunos e professores postavam os temas das aulas, exercícios e textos relevantes. O clima de diálogo logo se disseminou e fez com que o grupo se tornasse cada vez mais unido. Além dos textos e recortes acadêmicos relacionados ao curso, comecei também a postar fotografias que tirava em todas as aulas como se fosse um diário imagético do curso⁵. Foram mais de mil mensagens e interações mediadas durante o ano letivo.

Durante o curso, observei que a maioria dos alunos (cuja faixa etária correspondia aos 40 anos) e dos professores tinha pouco ou quase nenhuma prática com as NTDICs. Aprendi também com esta experiência que, graças as NTDICs, as aulas podem transpassar o espaço físico presencial e criar um clima de cooperação mútua entre alunos e professores.

⁵Disponível em <https://picasaweb.google.com/luizfavilla/TurmaA#>

Com a experiência vivenciada na especialização, optei por testar, em COM1251, a utilização dos grupos de discussão virtual, conforme estava a usar na especialização. Postava os comentários das aulas, anexava textos com dicas de técnicas de comunicação, enviava links de filmes interessantes e recortes de notícias sobre jornalismo, publicidade e cinema. Além disso, criei mensagens de entretenimento (Hora do Recreio) contendo curiosidades divertidas que garimpava na internet e dividia com a turma.

As avaliações dos alunos, publicadas no *PUC-On line*, foram positivas e as aulas aconteceram dentro do planejado.

Professor exigente, compreensivo, amigo. Dá uma aula bem legal, criativa e diferente.

Médio. O blog criado por ele ganha um peso na avaliação muito maior do que deveria ter.

Propostas inovadoras, carisma e uma grande proximidade com os alunos. Ele consegue que os alunos não o vejam como um professor, detentor do conhecimento, mas sim como um facilitador em sala de aula. Uma pessoa que está ali para apontar, indicar e aconselhar nossos projetos. Única ressalva é de que em certo momento do curso, senti ausência de uma coordenação de nossos projetos mais ostensiva, algo mais didático. O que pode ser limitador da criatividade, como o próprio diz, mas que acredito que possa maximizar nossos caminhos se bem conduzido.

Ensina com competência e faz de tudo para atrair o aluno, e é bem sucedido. Só acho que tenha pecado um pouco com relação a sua opção por "obrigar" os alunos a comentar no seu blog; que por sinal é um ótimo site, mas não necessita de tantos apelos para postar por lá.

Sensacional! Sempre com a cabeça aberta para novas questões, relacionando o conteúdo da matéria com temas atuais e relevantes para a formação do aluno. Sempre presente, sempre pontual e à disposição para esclarecer dúvidas, mesmo que além do horário da aula. Oferece ao aluno uma nova visão sobre o mundo, incentivando sempre a criatividade e a originalidade. Torna a aula envolvente, dinâmica, produtiva e encantadora, com alta participação e aprendizado por parte do aluno. Excelente professor!!!

Ele é um bom professor. Seu modo de ensinar, na verdade, seu modo de compartilhar conhecimento é muito eficaz. Além de que é uma ótima pessoa.

Professor carismático, mas com um ritmo de aula estranho, muito jogado.

Apesar da maioria das críticas terem sido positivas, tudo somado, não fiquei satisfeito com os resultados da parte prática do curso. O modelo de aula que havia adotado ainda era inspirado na transmissão do conhecimento. Segundas-feiras,

teoria. Quartas-feiras, prática. Textos complementares eram publicados no grupo de discussão virtual criado para as turmas.

Os trabalhos de persuasão, argumentação e criação de campanhas de publicidade realizados no laboratório, até aquele momento, eram resolvidos de forma burocrática. Raros alunos se dedicavam a buscar soluções diferentes, por mais que eu os estimulasse a “pensar fora da caixinha”. Geralmente, caíam nas armadilhas das frases feitas ou dos clichês óbvios.

Do mesmo modo que é mais fácil botar no mundo o primeiro chavão que nos vem à cabeça, também é mais fácil – e mais aceito – viver segundo os clichês da nossa família, sociedade, época.

Penso que a maioria de nós vai vivendo e repetindo velhas vidas que aparentemente já deram certo e não incomodam ninguém. O que seria o clichê de uma vida de classe média de um brasileiro de hoje?

Vou arriscar. Estudar num colégio privado desde a creche. Começar a falar inglês ainda bebê. Alguma coisa tipo ballet ou artes marciais ou aulas de circo. Em algum momento do ensino médio ir para a Disney com a turma ou até fazer um intercâmbio para melhorar o inglês. Ingressar na universidade. Antes ou depois da faculdade morar um tempo em Londres. Em algum momento tocar saxofone ou algum outro instrumento que lembra bares boêmios, com atmosfera noir, de uma vida que leu nos livros e/ou viu nos filmes. Produzir alguma coisa de cinema de documentário e/ou criar um blog onde finalmente pode expressar seu verdadeiro eu. Rebelar-se um pouco e enfim trabalhar, reclamar do trabalho e fazer umas baladas com os colegas de trabalho e os velhos amigos da faculdade. Descobrir que ser adulto é aceitar a vida como ela é. Casar, comprar apartamento, ter um ou dois filhos, entender de vinhos e fazer viagens de férias bacanas para a Europa, Estados Unidos ou países exóticos da Ásia e mais recentemente também da África. Não sei bem como continua. Não é ruim ou errado, não se trata disso. Pode até ser muito rico, se for vivido como algo próprio, segundo a singularidade de quem vive, não segundo a ditadura do clichê do que deve ser uma vida de uma pessoa de classe média do início do terceiro milênio. (Vida de Clichê, Eliane Brum, Revista Época, maio 2010)

A cultura da publicidade é efêmera por natureza. E incentiva obviedades. Suas técnicas foram desenvolvidas para vender ideias, produtos ou serviços. Quanto mais rápido vender, melhor. Consumo imediato, *fast-food*, *plug&play*, *copy&paste*. Pensar gasta tempo. “Só quero saber o que pode dar certo, não temos tempo a perder” (Titãs – 1987). E cinco minutinhos na vida dessa geração digital pode ser uma eternidade. O pensamento reflexivo exige a pesquisa, demanda comprometimento e vontade de aprender. Acumular conteúdo não faz pensar. Segundo Edgar Morin (1999), “pensar exige vazio, só aprendo quando não sei.”

No semestre seguinte, aceitei o convite de ser professor colaborador da disciplina DSG1003 – projeto básico - desenvolvimento III, do terceiro período do curso de graduação em Artes e Design da PUC-Rio. O novo currículo estava sendo implantado e minha experiência como diretor de criação se encaixava no curso.

Partejando o olhar de cada grupo de Design na busca do tema, da questão, da relevância, do objetivo, das possibilidades e das conclusões dos projetos, aprendi junto com eles a pensar no processo como um todo e percebi que os resultados alcançados pelas turmas e seus respectivos grupos de trabalho eram mais abrangentes. Os alunos ficavam mais reflexivos e atentos aos detalhes e vivenciavam intensamente o desenvolvimento de seus projetos.

Neste cenário, o meu aprendizado constante e intensivo da prática interdisciplinar como professor colaborador em projeto básico - desenvolvimento para as turmas de design foi de grande valia para um novo projeto de ensino-aprendizagem que começava a ganhar forma.

Minhas pesquisas continuaram a revelar novos horizontes. Descobri que a construção social do conhecimento via internet já estava a transformar a concepção tradicional da aprendizagem. Comunicar deixara de ser simplesmente transmitir. Agora, comunicar é disponibilizar múltiplas disposições à intervenção do interlocutor (Silva, 2002). Na internet, cada página contém possibilidades infinitas de hipertexto, clicando aqui e ali, fazendo *links*, visualizando outras janelas, novos caminhos textuais são percorridos e produzidos pela imaginação e inteligência coletivas.

Como projetar ambientes educacionais eletrônicos e presenciais sem limitar a exploração e a criatividade do aluno garantindo que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados? Como planejar ou definir antecipadamente o que deve ser aprendido pelos meus jovens alunos? Como fazer uma programação de aulas que seja válida para todos indistintamente? Vivo exatamente todas estas questões a cada semestre letivo.

2.2. Rotas da navegação – Os navegadores

A palavra design em inglês é usada tanto como substantivo quanto como verbo. Em sua função de substantivo, design geralmente se refere a algum objeto ou coisa. Como verbo, habitualmente se refere a um processo ou a uma série de atividades. Para atender aos objetivos desta definição, a palavra design deve ser entendida somente como verbo, acentuando-se que design deva ser compreendido como um processo. (Miller, 1988)

A clareza e a precisão do pensamento projetual do design contida na definição de Miller (1988), traduzida por João Leite, em que Design é o processo de pensamento que compreende a criação de alguma coisa; aliada às ideias de Buchanan (1992), em que a teoria de projeto pode ser aplicada a qualquer área da experiência humana; somada ao pensamento de Farbiarz e Ripper (2011), no qual Design é antes de tudo uma atitude que necessita do outro e do meio para se concretizar; em confluência com a visão de Couto (2000), em que Projetar é um processo de desaprender o que sabemos até perder nossos preconceitos. É uma forma de compreender as vidas para as quais projetamos. Desaprender é a essência do design. E, finalmente, somada a perspectiva de Schön, (2000), na qual o Design, em uma concepção mais ampla, é o processo fundamental de exercício do talento artístico em todas as profissões, foram, enfim, algumas das fagulhas que iluminaram a possibilidade de utilizar a ação projetual do Design como estratégia de ensino-aprendizagem em minhas turmas de Comunicação Social da PUC-Rio - disciplina COM 1251.

Parti de autores como Lévy (1999), Moran (2000), Schön (2000), Farbiarz (2001) e Buchanan (1992) como referências conceituais do processo de criação das novas dinâmicas do curso.

Para Lévy (1999, p.89), “A Escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão”. Para Moran (2000, p. 54), “conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se.” E, na prática, como fazer isso acontecer? Farbiarz (2000), em sua pesquisa sobre as relações entre professores e alunos, nos sugere:

Concentraria meus esforços no sentido de mapear conteúdos que possibilitem o entendimento do “para quem fazer” ou seja, que “armem” o professor para que este possa ler o outro, perceber seus valores e, a partir deles, então iniciar sua argumentação. Possivelmente incluiria conteúdos vinculados à linguagem, ao discurso da instituição escola, ao discurso do adolescente, à retórica e ao Marketing, ou seja, conteúdos que possibilitassem ao professor gerenciar não apenas informações como também relações.

Para projetar um curso que englobasse o pensamento desses autores, me aproximei do campo do Design e vi, nas ideias de Buchanan (1992) e de Schön (2000), a possibilidade de iniciar uma dinâmica de aula que conseguisse despertar o estado de atenção dos alunos durante os 120 minutos regulamentares de cada encontro, considerando que os usuários fazem parte da geração multitarefa e são capazes de fazer várias atividades ao mesmo tempo. Segundo Schön, o “Design, em uma concepção mais ampla, é o processo fundamental de exercício do talento artístico em todas as profissões”. (Schön, 2000:43)

O autor entende que, na prática e no ensino do Design, os designers têm ferramentas tácitas e intuitivas de reflexão-na-ação (diálogo com os objetos da situação enquanto ela ocorre) que são capacidades muito úteis para todos os profissionais. Segundo Buchanan (1992: 5-21), “A teoria do projeto pode ser aplicada a qualquer área da experiência humana.” Portanto, as leituras efetuadas me levaram a antever que o novo plano de aula para as turmas em que ministraria a disciplina COM1251 poderia ser um processo que incorporasse as NTDICs à ação projetual do Design na função de dinamizar as relações de ensino-aprendizagem.

Pesquisando sobre Educação e Design, descobri o LIDI – Laboratório interdisciplinar de Design/Educação da PUC-Rio, onde, desde 1994, estão catalogados centenas de trabalhos que apresentam relatos de experiências e pesquisas com o foco Design na Educação. Entre estas pesquisas, a tese de Cristina Portugal (2009) cita a proposta do EDADE – Educação através do Design, tese de Doutorado de Antonio Martiniano Fontoura. Com a palavra, o autor:

A EDADE pode ser caracterizada por uma proposta pedagógica capaz de interferir ativa e positivamente na formação do sujeito (...) possibilita a integração de conteúdos e a utilização de vivências projetuais adequadas que confirmam certas atitudes, habilidades e comportamentos desejáveis nos educandos (...) incorporando alguns elementos fundamentais, entre eles: o desenvolvimento de atividades e processos de design, a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a produção de entendimentos e compreensões. (Fontoura apud Portugal, 2009)

Que suportes poderiam permitir uma interatividade mais genuína entre o educador e o educando, onde mais poderiam se aproximar, trocar, construir juntos, colaborar, coletivizar? “Se o conhecimento adquirido por uma rede sempre suplanta a soma dos conhecimentos de cada uma das pessoas participantes e, depois, é compartilhado por todos” (Steven Johnson, 2003:45), o professor que sabe gerenciar as novas tecnologias da comunicação e informação, em minha opinião, muito em breve poderá ser considerado como um designer cognitivo, orientando e direcionando as pesquisas que o aprendiz terá de produzir para construir o conhecimento.

Para Lévy (1993), em função dos agenciamentos coletivos, uma nova disciplina - a Ecologia Cognitiva - se desenvolverá para contribuir e estruturar os espaços cognitivos dos indivíduos e das organizações.

Esses arquitetos cognitivos não vão construir novas cidades em campo aberto para indivíduos maleáveis e sem passado. Muito pelo contrário, deverão levar em conta particularidades sensoriais e intelectuais da espécie humana. Hábitos adquiridos com as antigas tecnologias intelectuais, práticas que se cristalizam há séculos em torno de agenciamentos semióticos diversos, dos quais o principal é a língua. (Lévy, 1993, p.53)

Lévy sustenta sua posição afirmando:

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa está acompanhando e ampliando uma profunda mutação da relação com o saber (...) Ao prolongar certas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital estão redefinindo seu alcance, seu significado, às vezes até sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, de aprendizado cooperativo e de colaboração em rede propiciados pelo ciberespaço estão questionando o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas quanto nas escolas. (Lévy, 2001, p.67)

Inspirada em Pierre Lévy (2001), Andrea Ramal (2001) desenvolveu um perfil do que seria um arquiteto cognitivo, em sua visão:

(...) um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender de forma autônoma e integrada os próprios caminhos de construção do (hiper) conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação e fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem. (Ramal, 2001:208)

Os arquitetos são especialistas em design de espaços físicos. Os designers são especialistas em arquiteturas de sistemas e de objetos. Ambos se utilizam da ação projetual para desenvolver suas especificidades. O professor que praticar ações projetuais com seus alunos estará exercendo as funções de designer cognitivo.

Com sua prática interdisciplinar, o designer é capaz de projetar processos cognitivos de ensino-aprendizagem “enredando o parceiro, o usuário, o desejo, a forma, o modo de ser e estar no mundo e de cada um de nós (...) para fazer com que tudo o que fazemos e pensamos se relacione com o que sentimos e sabemos”. (Couto e Oliveira, 1999). Afinal, o novo leitor não é um mero receptor, mas interfere, manipula, modifica, reinventa. Assim, o professor não é mais um transmissor, mas um provocador de interrogações, um coordenador de equipes de trabalho. (Freitas, 2007 in Cabeça Digitais). Logo, se as NTDICs fazem do professor um dinamizador da inteligência coletiva (Lévy, 1999), fazem também do professor um designer cognitivo que realiza as conexões entre o conhecimento e os alunos-usuários de NTDICs.

O aluno encontra maior facilidade em acessar e arquivar conteúdos, mas lhe faltam as condições de discernimento da validade, objetividade e relação com o propósito a alcançar. O professor – em vez de um centralizador, um difusor de conhecimentos – guia o aluno, estabelece planos e metas, certifica conteúdos e indica caminhos. (Ramal, 2001)

O professor/designer cognitivo projeta para uma geração de leitores que, formada diante das telas dos computadores, realiza uma nova leitura de mundo. Assim, os elementos visuais e os recursos hipermidiáticos projetados pelo designer cognitivo, quando usados em sala de aula presencial ou virtual para a troca de conhecimentos, vão propiciar ao aluno-usuário um ambiente significativo

que estimule e reforce a aquisição das competências e habilidades específicas, de acordo com os objetivos pedagógicos do curso.

Ao produzir informação acessível para pessoas, é necessário para designers repensarem atuais paradigmas do design. A tela de computador não é um pedaço de papel e não deveria ser tratada como tal. Tirando proveito da habilidade do computador para exibir tipografia dinâmica, flexível, e adaptável, nós podemos inventar modos novos para pessoas lerem, podemos interagir com elas e podemos assimilar a palavra escrita. (Small, 1999:102)

Para Paulo Freire (1996), a educação é diálogo. "O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História". (Freire, 1996: 154). Sem o diálogo, não há comunicação e, sem esta, não há educação. A partir do pressuposto dialógico da linguagem, os alunos-usuários de NTDICs são sujeitos que constroem seu conhecimento de maneira dialógica, compartilhada, coletiva e social.

Segundo Gui Bonsiepe (1997), esta é uma característica básica da ação de projeto empreendida pelo design, que é por ele definido como “um domínio que pode se manifestar em qualquer área do conhecimento e da práxis humana”. Ideia corroborada por João Leite:

Projetar, portanto, revela um conceito que não se limita a um determinado território de ação e que tende a um certo grau de abstração, devido à imprecisão de seu objeto. Assim, projetar não deve ser confundido automaticamente com a ação de projeto em design, embora se apresente como sua característica essencial. (Leite, J. apud Coelho, L., 2008 p. 219)

O Educador Richard Buchanan (1998) defende a ideia de que o conhecimento em design será incorporado por outras áreas do saber, ou seja, as pessoas buscarão o conhecimento em design não para ser um designer, mas como um conhecimento para sua formação geral. Segundo o autor, o design pode proporcionar uma conexão poderosa com muitas áreas de conhecimento. O autor identifica o momento atual como uma terceira era do design, marcada pelo aparecimento do design como disciplina. Nesse momento, “educação e prática são parceiras” que visam o processo reflexivo sobre o aprendizado, “descobrimos e disseminando novos conhecimentos como parte do campo do design”.

O propósito da realização de alguma coisa é a verdadeira dimensão resultante da ação de projeto em design como processo de integração de fatores diversos. Para processar essa ação – ou seja, para projetar – os designers necessitam de um saber mais complexo. Dentre a sabedoria, a opinião, a observação do processo natural e a experiência é o modo mais potente de geração do conhecimento: Na educação de design, é necessário promover a experiência do pensamento científico, a experiência da arte e a experiência da prática de trabalho sobre o mundo. (op. cit., p.65).

Nesse sentido, João Leite (2008) conclui que “projetar também vem a significar a capacidade de estabelecer um diálogo profícuo, cujo resultado é a realização de planos e definições projetivas”.

Farbiarz (2000) sustenta esta mesma posição quando defende que as expectativas da atuação do designer na sociedade sejam mais do que as de um mero criador de objetos, mas, sim, essencialmente, a de um elemento polarizador de conceitos, com condições de propor estratégias que não somente atendam aos anseios e necessidades da comunidade em que está inserido, mas, principalmente, que sejam capazes de modificar a percepção e a atuação social desta mesma comunidade.

Assim, o aluno-usuário é instigado e estimulado a buscar conteúdos, a explorar as atividades e tarefas não só por seu interesse e objetivos acadêmicos, mas pelo envolvimento multiparticipativo em um ambiente projetado visualmente, em seus aspectos gráficos e de navegação, que integrem o sentido do texto. (Farbiarz, 2000: 12).

Neste processo, o novo professor/designer cognitivo se diferencia do professor tradicional como autoridade única do saber e trás, para sala de aula, além de suas competências, as pontes de interação e cooperação mútua que as NTDICs oferecem. De forma mais acentuada que o uso destas tecnologias, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem, na visão de Moran (2000, p. 53) “é a capacidade de comunicação autêntica do professor de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, pela competência e pela simpatia com que atua.”

2.3. Professortexto.blog – a interface

O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos freqüentem as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos. Kenski (2007, p. 67)

Sou um imigrante digital desde 1986, quando desembarquei pela primeira vez numa tela de computador. Na época, era diretor de criação de uma agência de comunicação, no Rio de Janeiro, criada por empreendedores visionários. Os empresários obrigaram toda a equipe a aprender e utilizar aquela máquina de escrever de tela preta que editava textos pelo pioneiro sistema DOS. Eles inventaram um monstro. Vinte e quatro anos depois, posso dizer, sem medo de parecer prepotente ou pernóstico: sou um velho lobo do mar tecnológico e apaixonado por narrativas diferentes desde criancinha.

Aprendi a ser assim com os meus educadores: os livros, os diários, os filmes, as novelas, as músicas, as histórias de minha avó e, mais tarde, a função de jornalista que exerci dos quatorze aos dezessete anos, prática que me permitiu ler muitos jornais, revistas, gibis e fotonovelas. Além de exercitar diariamente a interação com pessoas de todos os tipos e idades. Se texto é tudo que se dá a leitura (Sant’anna, 1989), sou um leitor atento do mundo desde que nasci. Sou um comunicador muito antes de me graduar. E não foi fortuito o fato de ter seguido uma carreira de sucesso no mundo da comunicação social.

A intimidade com as NTDICs sempre me abriu novas possibilidades profissionais. Quando resolvi realizar meu sonho de ser aluno e professor da PUC-Rio e ingressei, primeiramente, no curso de especialização do Departamento de Letras, este letramento analógico e digital permitiu a construção de pontes que, afinal, me conduziram ao corpo docente da instituição muito antes do que havia planejado.

Conforme já relatei, a experiência de monitor e representante de turma me ensinou, entre outras coisas, que, graças às NTDICs, as aulas presenciais podem transpassar o espaço físico da sala de aula. Foi com este foco que iniciei pesquisas sobre os suportes de ensino-aprendizagem que começavam a ser utilizados. E me

encantei pelas possibilidades e facilidades que os blogs oferecem a usuários de todos os níveis de alfabetização digital.

É quase desnecessário explicar o que é um blog. Qualquer pessoa que digite esta palavra em uma ferramenta de busca irá encontrar mais de 600 milhões de resultados. Mesmo assim, recapitulemos: Era uma vez, em 1997, um editor chamado Jorn Barger que cuidava do site Robot Wisdom (www.robotwisdom.com). Foi ele quem cunhou o termo weblog, posteriormente reduzido para blog.

O nome tem sua origem no hábito de alguns pioneiros de logar (entrar, conectar ou gravar) à web, fazer registros, anotações e comentários sobre os caminhos percorridos pelos espaços virtuais. Por isso mesmo, os blogs são denominados como diários virtuais, onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos de seu interesse, como os blogs pessoais, que expressam ideias e sentimentos do autor.

A partir do lançamento da interface *Blogger by Google*, em 1999, graças às facilidades gráficas disponibilizadas, um maior número de pessoas passou a criar as suas próprias identidades no ciberespaço. Pessoas de todas as partes do mundo começaram a postar assuntos inerentes as suas vidas, em formas de textos verbais e imagéticos. Estima-se que haja centenas de milhões de blogs no mundo e que, a cada segundo, seja criado um novo espaço de expressão digital com funções variadas: corporativas, jornalísticas, publicitárias, educacionais, políticas e culturais ou até mesmo como diários pessoais com ideias e reflexões que as pessoas publicam na rede mundial de computadores.

Como afirmou MacLuhan (1988), “Os homens criam ferramentas. As ferramentas recriam os homens”. Com os blogs não foi diferente. O crescimento “tsunâmico” das redes sociais está a fazer com que, finalmente, a opinião seja pública de verdade. E imediata. Celebridades e anônimos estão na rede social com os *twitters*, *blogs* e *facebook*s entre outras ferramentas midiáticas que dão voz e imagem instantâneas aos seus usuários.

Os *twitters* são verdadeiras rádios-textos entre comunidades. O *facebook* é mais híbrido, pois permite variadas postagens e está a se transformar em diários pessoais dos usuários de redes de amigos, como também é o *orkut* no Brasil. Já os *blogs* possuem um formato que facilita a narrativa mais pessoal e reflexiva. Talvez por isso sejam confundidos com os sites.

Para Oliveira (2006), o *blog*, como objeto de ensino-aprendizagem, agrega muitas das ideias já defendidas por educadores como Paulo Freire (2002) e Lev S. Vigotsky (1989), que viam a aprendizagem como uma condição não individual, mas socialmente construída. Vigotsky defende que a chave para a aprendizagem está na interação professor-aprendiz. Neste sentido, segundo Marco Silva (2006), os educadores cumprem papel fundamental de mediadores da cultura na relação do sujeito com o mundo, quando, ao interagirem com o aprendiz, põem a serviço suas capacidades, de forma dialógica, em prol do processo de aprendizagem.

É fato. O lado positivo desta revolução está a nos mostrar que a acelerada evolução da tecnologia parece potencializar os desafios do Design nas formas de construção do conhecimento.

As profissões ligadas à informação e à comunicação estão experimentando um grande desenvolvimento. Cada vez temos menos tempo para procurar tantas informações necessárias. Por isso, precisamos de mediadores, de pessoas que saibam escolher o que é mais importante para cada um de nós em todas as áreas da nossa vida, que garimpem o essencial, que nos orientem sobre as suas consequências, que traduzam os dados técnicos em linguagem acessível e contextualizada. (Moran, 2003)

Afinando o olhar nas pesquisas, descobri as potencialidades do *blogger* assim que fui convidado para ser professor colaborador da disciplina projeto básico - desenvolvimento do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. E isto aconteceu em 2007, após a experiência como aluno representante no curso de especialização, na mesma época em que iniciava minhas turmas de Comunicação Social na PUC-Rio. O *blogger* permite, com muita facilidade, a criação, o gerenciamento e a integração nos portais digitais hospedados no Google. Sua plataforma é muito simples de navegar.

Apreendi a utilizá-la e, para conciliar as duas disciplinas (COM1251 e DSG1003), criei um novo canal de comunicação com todas as turmas: o portal

professortexto.blog. Inspirado no poema Ler o Mundo, de Afonso Romano de Sant'anna (1989), o portal nasceu com a missão de desenhar palavras, escrever imagens e mudar a perspectiva do olhar dos alunos-usuários. Em vez de ensinar gramática, análise sintática, voz ativa e passiva, coesão textual e o uso correto da crase, o *professortexto.blog* convidava à autoria e postava temas que exercitavam a leitura do mundo que antecede a leitura da palavra (Freire, 1986), a percepção da vida e, compactuando com Sant'anna, mostrava que tudo é texto, tudo possui significado, depende apenas do nosso olhar.

O portal era (e ainda é) atualizado quase que diariamente com assuntos referentes às diversas leituras possíveis: música, animação, cinema, poesia, teatro, literatura, livro eletrônico, rádio, internet, televisão, celular, *gadgets*, o silêncio, as cores, os games, a ilusão de ótica, enfim, tudo que se dá à leitura é texto no *blog* do professor texto.

Também convergi para esta interface as comunicações antes utilizadas nos grupos de discussão das disciplinas (yahoogrupos), acrescentando postagens sobre assuntos inerentes aos respectivos conteúdos programáticos e as possíveis leituras do mundo em que vivemos. O mundo digital fazia parte da vida dos alunos e minha experiência como publicitário de criação acostumado a seduzir olhares através de imagens auxiliou na construção da interface.

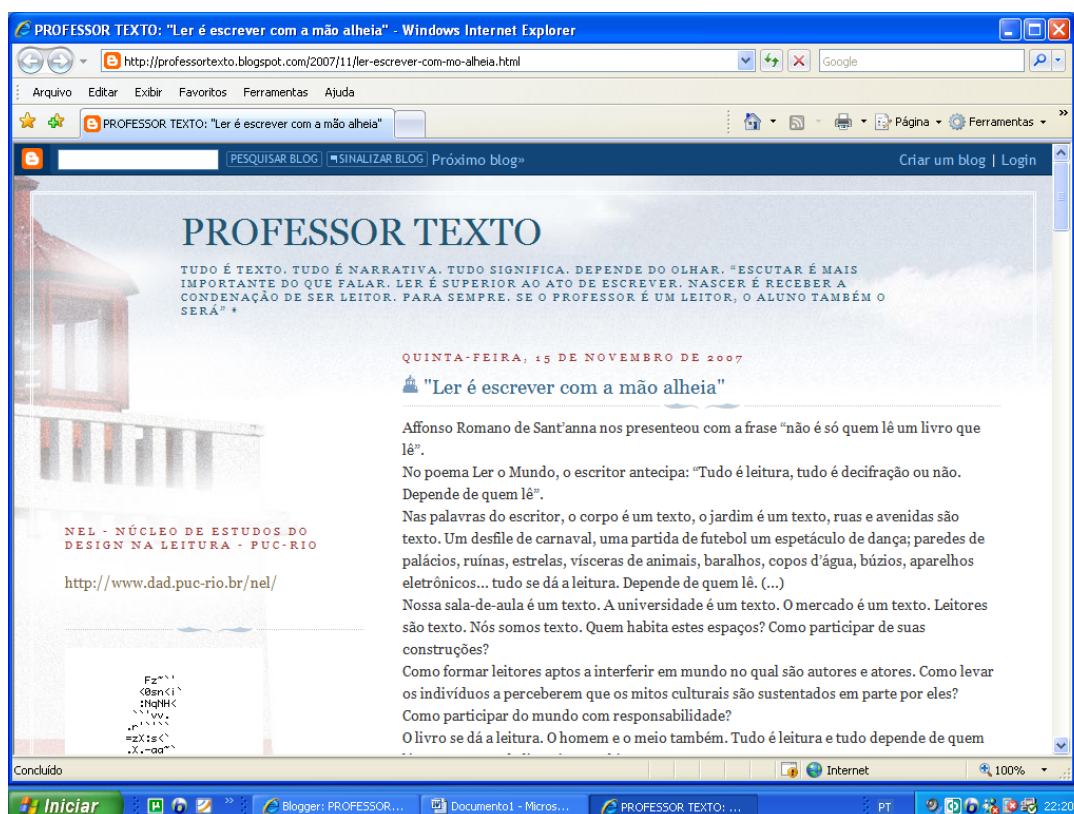


Figura 6: Primeira postagem do professortexto.blog em 2007.

Como os encontros presenciais com as turmas de Design aconteciam, em média, a cada 15 dias, o “professor virtual” ficava presente porque postava alguns assuntos que interessavam diretamente aos projetos que estavam a desenvolver. Ao mesmo tempo, os alunos de Comunicação Social passaram a contar com um novo portal de mediação que registrava, a princípio intuitivamente, postagens inerentes às maneiras de se ler o mundo, conforme o programa da disciplina.

No terceiro semestre minha carga horária em Comunicação Social e em Artes & Design triplicou. Assim como o número de alunos. Para me manter conectado com tanta gente, transformei o *professortexto.blog* na principal interface de mediação interdisciplinar com os meus 230 aprendizes da PUC-Rio. Para as turmas de Design, as postagens eram mais direcionadas aos temas inerentes aos seus projetos de desenvolvimento. Assim, fornecia conteúdos que pudessem ser úteis nas pesquisas. Para as turmas de Comunicação, as postagens eram mais sobre o mundo das artes, do marketing e da publicidade.

Minha mãe sempre dizia que eu *criava sarna para me coçar*. Faz sentido. Gerenciar o *professortexto.blog* exige muitas horas de trabalho a navegar pela internet em busca de assuntos de interesse para as vidas e carreiras sustentáveis de meus alunos. Entretanto, as oficinas de texto das turmas de Design têm o mesmo viés criativo aplicado para as turmas de Técnicas de Comunicação II. E isso permitiu uma convergência de pesquisas para as postagens do *professortexto.blog*.

Mesmo assim, é carga horária extra. Mas começou a ser recompensada quando percebi que os comentários espontâneos dos leitores indicavam que o convite à autoria estava sendo aceito. O primeiro sinal foi dado dentro da PUC-Rio. Havia perdido completamente a minha identidade. Dentro do campus todos passaram a me chamar de o professor texto.

Apesar de ter preferido não instalar um contador que indicaria o número diário de visitantes do blog, era notória a participação dos leitores nos comentários publicados. Entre eles, alguns professores de instituições de ensino de outros Estados registravam o prazer da leitura que o blog proporcionava.

LG disse...

O mérito do educador não está no acúmulo de títulos advindo da busca incessante de conhecimentos que o profissional procura saciar (muito louvável, por sinal), mas no estabelecimento de relações com seus alunos, com a sensibilidade própria do interesse pelo que de bom aconteça e a aprendizagem se estabeleça. Está explicada a minha atração pelas suas postagens. Parabéns, meu colega Professor.

Um abraço,

T disse...

Oi. Adorei o seu blog.. Cai aqui de paraquedas ou para- quedas (não me adaptei ainda às novas regras!!). Estava procurando no Google sobre Diario de Bordo e acabei lendo o seu blog todo.. risos... Otimo! Tb sou professora: de Artes da rede estadual de SP e de escolas Técnicas daqui e faço Pós em Arte-educacao... Temos muito em comum... Adoraria uma amizade virtual!!! Bye.

ç disse...

Sem a comunicação entre o professor e o aluno não há como melhorar a educação no Brasil, o futuro do país se faz dentro da sala de aula e com essa distância entre os dois, o que está se construindo então? Boa postagem!!

R disse...

Olá!

Sou novo por aqui, descobri seu blog por acaso e estou achando muito legal as postagens. Esse texto é uma preciosidade, veio na hora certa! Sou mestando e de vez em sempre sou assaltado por essa sensação de incompletude e imperfeição. Texto bom pra nos colocar de volta aos trilhos!

Parabéns a você e à autora.

J.C. disse...

Sinto-me honrado pela escolha deste meu texto sobre Sócrates e pelos comentários gentis que ele despertou.

E disse...

Grato por sua bondade querido Luiz!

Estou emocionado com a qualidade de seu blog, de fato textos iluminados no sentido profundo do termo. Vamos ver como podemos interagir mais, por gentileza.

Carinhosamente, parabéns mais uma vez por seu lindo e importante trabalho

M disse....

Professor "texto", Seu blog é minha inspiração, alimento diário para minhas aulas de Literatura, busco nele textos, imagens, vídeos e acima de tudo uma dose de paixão para seguir na missão, ensinar literatura, revisar textos e criar também. O melhor de tudo é que sempre encontro! Parabéns e obrigada! Mila Martins / João Pessoa/PB

O *professortexto.blog* também já estava incorporado pelos alunos de Comunicação Social. As postagens sobre temas relacionados à disciplina e às suas carreiras futuras eram sempre discutidas em sala de aula. Entretanto, eles quase nunca publicavam comentários mais reflexivos. E quando o faziam eram bastante comedidos. Percebi, em conversas com alguns, que a maioria tinha receio de expor seus pensamentos para um público desconhecido. Também tinham medo de serem chamados de “puxa-saco” pelos colegas.

No grupo de discussão virtual trocavam mensagens e dividiam links ou temas de interesse comum. Mas o *professortexto.blog* era algo “oficial” na leitura dos alunos. Eles tinham receio de “pensar alto”, expor suas opiniões publicamente. Precisava reforçar ainda mais o meu convite à autoria e criar novas pontes e estratégias de envolvimento.

Diante disso, inspirado na ação projetual do Design, desenhei para 2010.1 um novo plano de aula, palco desta pesquisa. Dividi o curso em duas partes, cada uma com a duração de um bimestre. Na primeira, chamada de “Projetos Interiores”, o programa passou a contemplar a leitura do mundo, o marketing pessoal, o discurso próprio e a fala pública. Na segunda parte da jornada, o programa seria dedicado aos “Projetos Exteriores”. Nesta etapa, os aprendizes formariam grupos de trabalho de, no máximo, três pessoas. A missão: o desenvolvimento de Projetos de Comunicação Social – Ideias positivas para um mundo melhor – de acordo com um cronograma pré-estabelecido para quinze 15 encontros presenciais.

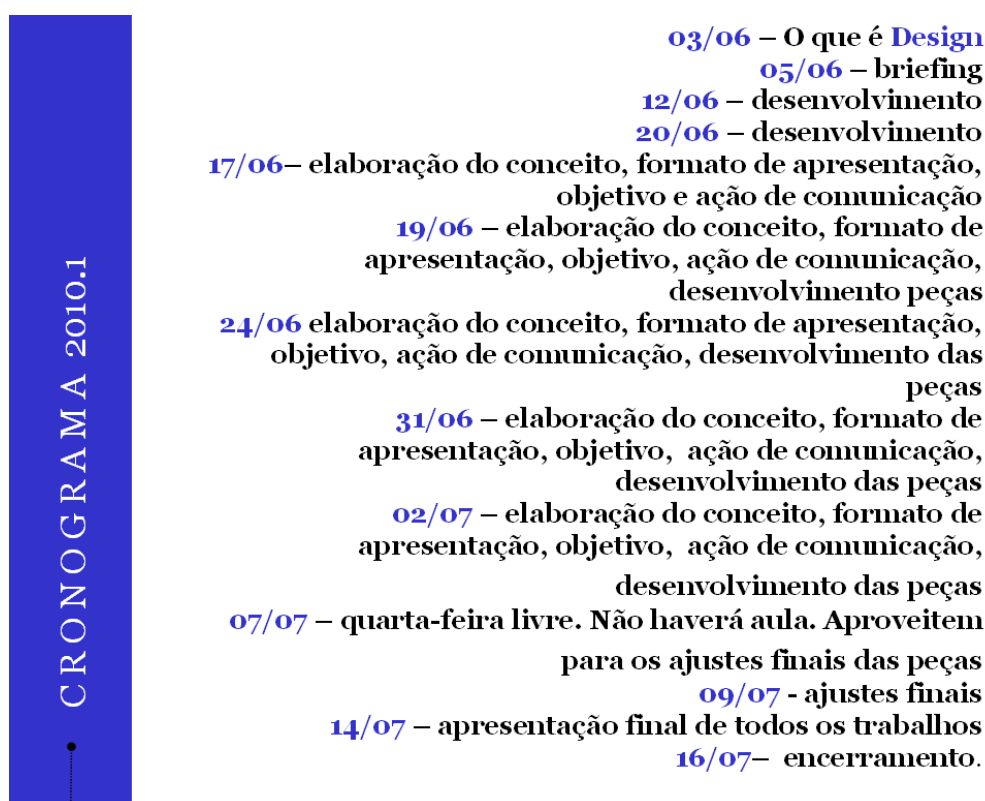


Figura 7: cronograma de desenvolvimento dos projetos de Comunicação

Os encontros também foram divididos em três momentos: no primeiro, incentivo à interação entre os aprendizes. São os quinze/vinte minutos iniciais de aula que passei a chamar de “Hora da Bagunça” - um tempo de intervalo estendido entre as três aulas do dia. O clima de descontração que se forma é positivo, constrói pontes afetivas e prepara para o segundo momento da aula: um filme. As aulas sempre irão começar com um filme. Ele varia de acordo com o

assunto projetado para cada turma. Pode ser uma animação, um comercial, um curta metragem ou mesmo um filme de cinema. A estratégia visa conquistar o estado de atenção da turma sobre um tema que será discutido após a exibição.

O último momento das aulas é o “Questionário Vivo” – tudo aquilo que você sempre quis perguntar, mas professor nenhum teve paciência de explicar. Após a chamada, dispense quem quiser ir embora. Quem ficar tem a liberdade de perguntar o que quiser sobre quaisquer assuntos inerentes ou não à disciplina. E tem também a liberdade de não perguntar nada, ficar conversando em voz baixa ou acessando seus computadores portáteis. É uma prática de autonomia. A maioria fica em sala e vem conversar. A estratégia é fortalecer a integração da turma e a relação com os alunos.

A segunda parte do curso seria dedicada ao desenvolvimento dos projetos de Comunicação Social. A presença continuaria obrigatória e a sala de aula seria transformada numa espécie de ateliê dos projetos.

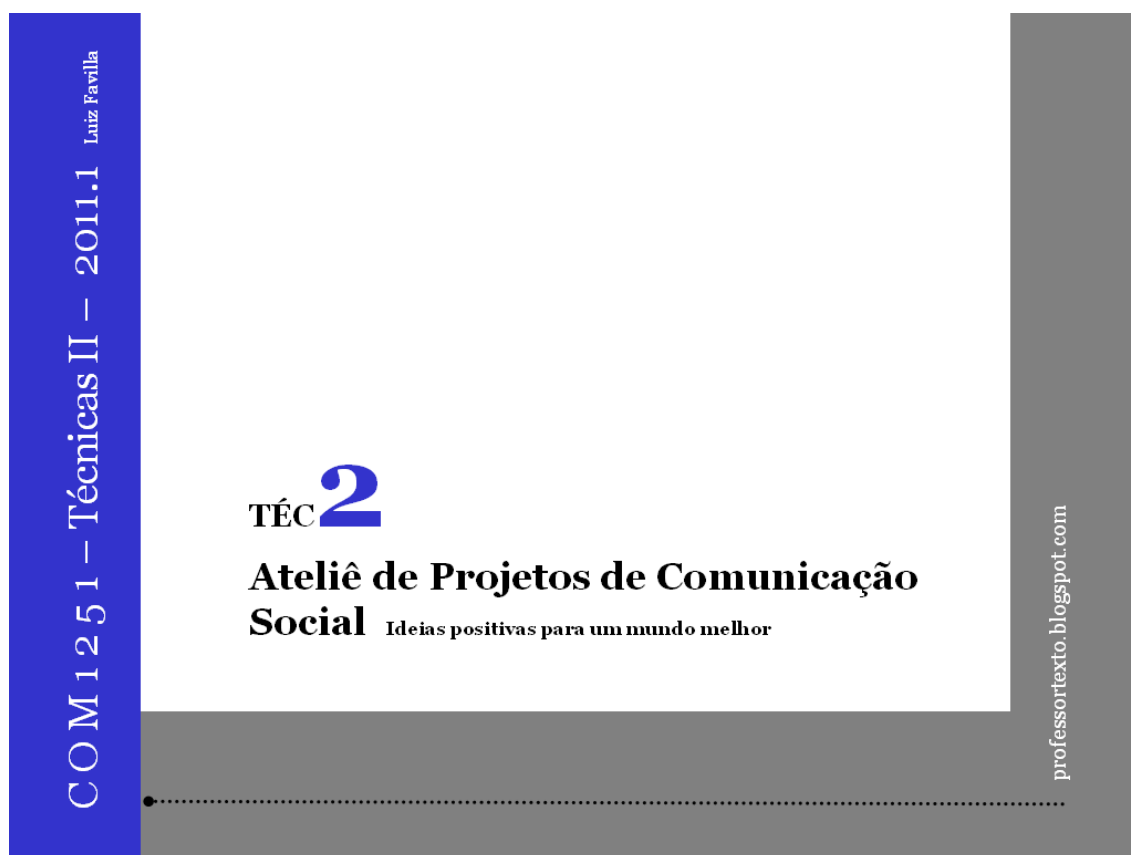


Figura 8: capa da apresentação dos Projetos Exteriores

Segundo Schön (2000), o projeto é um processo de reflexão prática entre a ação e a cognição em que parte das experiências e cultura de soluções de projeto que o projetista adquiriu com a prática e com a “leitura” e compreensão de outros projetos se materializa pela reinterpretação e reutilização de soluções conhecidas.

Quando aprendemos a fazer algo, estamos aptos a executar seqüências fáceis de atividade, reconhecimento, decisão e ajuste, sem ter, como se diz, “que pensar a respeito”. [...] No entanto, nem sempre é assim. Uma rotina comum produz um resultado inesperado, um erro teima em resistir à correção, ou, ainda que ações comuns produzam resultados comuns, há algo nelas que nos parece estranho, porque passamos a vê-las de uma outra maneira. Todas essas experiências agradáveis e desagradáveis contêm um elemento surpresa. Algo que não está de acordo com nossas expectativas. [...] Como alternativa, podemos refletir no meio da ação, sem interrompê-la. Em um presente-da-ação, um período de tempo variável com o contexto, durante o qual ainda se pode interferir na situação em desenvolvimento, nosso pensar serve para dar forma ao que estamos fazendo, enquanto ainda o fazemos. Eu diria, em casos como este, que refletimos-na-ação. (Schön, 2000, p. 32).

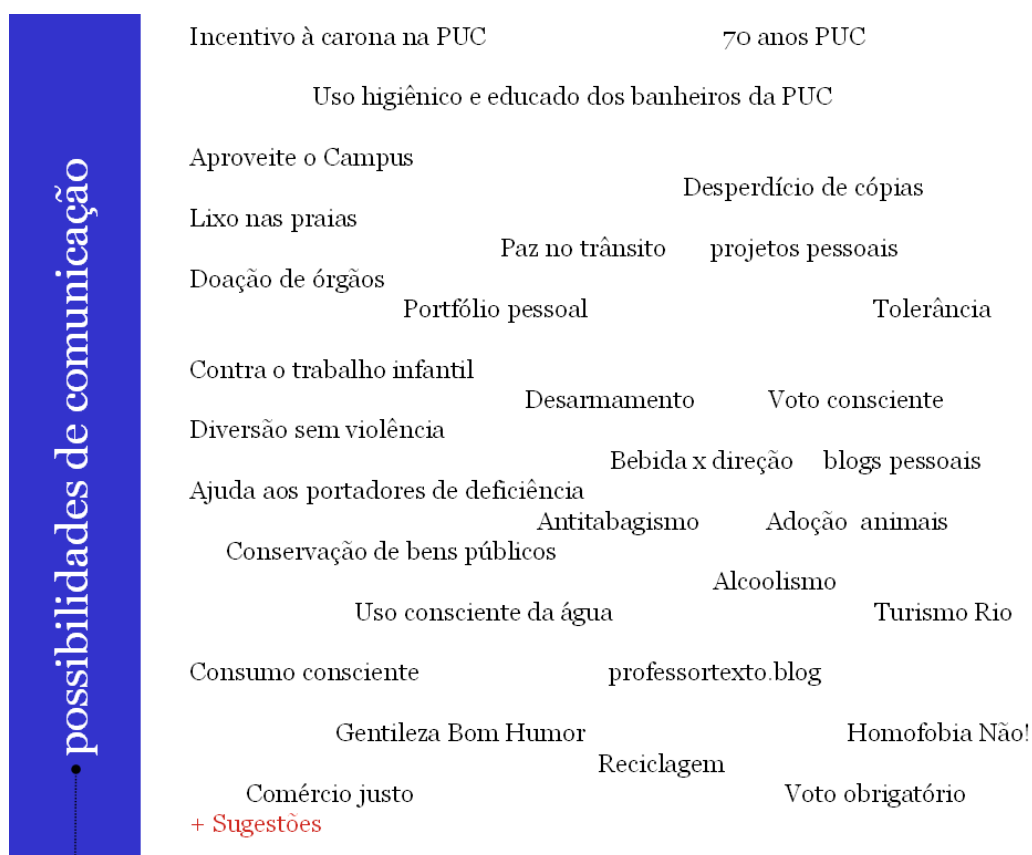


Figura 9: exemplos de possíveis oportunidades de projetos

A partir de então, todos os trabalhos seriam desenvolvidos sob minha supervisão direta. No lugar do professor entraria o diretor de criação de cada projeto. As equipes deveriam apresentar, a cada aula, o andamento de seus trabalhos. Teriam 15 minutos de consultoria e poderiam usar o tempo restante em sala de aula como quisessem. Essa nova dinâmica exigiria um mega esforço de minha parte. Em vez de transmitir simplesmente um conhecimento, optei por construir junto com as equipes ações de comunicação que fossem de utilidade para suas carreiras. Minha jornada de trabalho passaria de “três aulas”, duas vezes por semana, para “quarenta aulas curtas” no mesmo período. Mas gosto do que faço. Tenho prazer em oferecer oportunidades de vivenciar minhas experiências em trinta e nove anos de atividades de criação estratégica.

Ao mesmo tempo, oficializei o *professortexto.blog* como interface de mediação da disciplina e incluí a qualidade e a quantidade de comentários postados no critério de avaliação das turmas. Escrever sobre os assuntos publicados passou a ser obrigatório: duas vezes por semana os aprendizes precisam comentar sobre qualquer uma das postagens, independentemente da data de publicação. Este exercício de reflexão passou a representar três pontos em cada avaliação bimestral. Simultaneamente, lancei desafios de escrita criativa valendo pontos extras no G1 ou G2, dependendo da época de realização dos exames. A quantidade de ganhadores seria proporcional ao número de participantes: cada dez respostas aos desafios, um autor seria contemplado.

A famosa história em seis palavras, criada por Ernest Hemingway durante um torneio literário entre amigos, foi o mote do primeiro desafio. Valeu meio ponto extra no G1. E inteiras horas extras não remuneradas para mim e para três colegas professores da PUC-Rio: sessenta e quatro histórias foram postadas. Seis vencedoras foram escolhidas. Pela primeira vez, em maio de 2010, mais de cem pessoas acessaram o *professortexto.blog* em um só dia. Não buscava apenas a simples visita. O objetivo era a prática da reflexão, o exercício da caligrafia própria e da leitura do mundo.

Durante o primeiro ano de mestrado (2009), para conciliar meus horários/aluno com os horários/professor, tive que diminuir substancialmente a minha carga horária em Comunicação Social. Como o número de alunos foi

reduzido, iniciei algumas experiências com o *professortexto.blog* e com as dinâmicas das aulas presenciais nas turmas de Comunicação e de Design.

Foram dois semestres de pesquisas e práticas exploratórias de inclusão de ações projetuais do design como estratégias de comunicação. Durante este período de experimentação, senti necessidade de registrar todo o processo. Então, decidi publicar um Diário de Bordo sobre a experiência que estava a vivenciar. A série “Diário de Bordo”⁶ totalizou 21 postagens ao longo de dois semestres letivos. Ela desvenda os desejos e as limitações do professor e aposta mais na autoria do que na autoridade. E, nessa transparência, mostra aos alunos a delícia de ser autor de si mesmo.

O diário de bordo serviu de base para o desenvolvimento das dinâmicas realizadas posteriormente a partir dos erros e acertos registrados. Hoje, o *professortexto.blog* é parte de uma metodologia que interage aprendiz e educador, real e virtualmente, tecendo dinâmicas projetuais em sala de aula, com postagens no *blog* e nos correios eletrônicos criados para as turmas.

Os assuntos postados são multidisciplinares, desenham as aulas presenciais e estimulam a pesquisa sobre os temas. Os exercícios em classe treinam as possibilidades da tessitura do verbo. Os comentários no *blog* exercitam a consciência crítica, a argumentação e afinam o olhar para os textos da vida. Maiores detalhes sobre o processo de construção das dinâmicas de aula do *professortexto.blog* serão descritos no capítulo 4.

Assim, a relação a ser estabelecida com o aluno requer uma preocupação com o seu papel de interlocutor, com a sua formação, perfil e objetivos. Farbiarz e Farbiarz (2006) caracterizam este enfoque como Design na Leitura. Este conceito, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos do Design na Leitura, filiado ao Laboratório da Comunicação no Design do programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, afirma que,

⁶Disponível em www.professortexto.blogspot.com

Pensar em “Design na Leitura” (Farbiarz e Farbiarz, 2004) no universo cultural brasileiro é ir além da arte do livro, de um design para a leitura, é uma questão de conduta. Enfim, pensar em “Design na Leitura” é visualizar uma sociedade cujos agentes - editores, escritores, designers, professores, etc. - assumam-se enquanto formadores de opinião. Neste sentido, pensar em Design na Leitura é pensar o Design na complexidade da palavra, “não apenas como uma atividade de dar forma a objetos, mas como um tecido que enreda o design, o usuário, o desejo, a forma, o modo de ser e estar no mundo de cada um de nós” (Couto e Oliveira, 1999). (Farbiarz e Farbiarz, 2006, p. 15)

2.4. O projeto gráfico

Os recursos de comunicação que vêm sendo produzidos e usados com fins pedagógicos são apresentados com critérios muito deficientes para a avaliação e a compreensão dos efeitos que produzem (...) A compreensão mais profunda da construção elementar das formas visuais oferece ao visualizador maior liberdade e diversidade de opções compositivas, as quais são fundamentais para o comunicador visual. (Dondis, 2007, p. 53).



Figura 10: Front page 1 – de 2007.2 a 2010.1

O *professortexto.blog* também é um projeto de aula visual que dinamiza os sentidos e amplia o espaço físico da sala de aula . O planejamento de sua identidade gráfica foi criado tendo como base as possibilidades de navegação dos

templates oferecidos pela Google no próprio Blogger - provedor onde a interface está hospedada.

Em 2007 os recursos gráficos disponíveis eram restritos e havia poucas possibilidades de combinações. A primeira opção utilizada, a imagem do farol em segundo plano, é emblemática para a Educação e sinaliza o objetivo de comunicação do *blog*. Os diálogos entre o texto alfabético com as imagens selecionadas envolvem o leitor e facilitam a compreensão das mensagens proporcionando equilíbrio entre figura e fundo.



Figura 11: Front page 2 – 2010.1 a 2010.2

A partir de 2010.1 o Google desenvolveu e disponibilizou para os usuários do blogger novas opções de *templates* com recursos mais diversificados e múltiplas ferramentas gráficas. Pedi ajuda aos alunos e fomos experimentando possibilidades de *layouts* diferentes. A opção escolhida ficou mais acadêmica. Os tons e cores adotados lembravam bastante o site principal da PUC-Rio. A imagem dos pássaros associa a página a um ninho que acolhe as aves e de onde elas partem para o voo do conhecimento.



Figura 12: Front page 3 – desde 2010.1

Depois de um mês, os próprios alunos começaram a reclamar que a página estava triste, sem cor. Nasceu a opção gráfica que é utilizada até o presente momento. A imagem do sol nascendo no horizonte em segundo plano sinaliza o objetivo iluminista do *blog*.

O andarilho algorítmico é um ícone em movimento; é texto alfabético em imagem a nos lembrar que viver é também uma ação de design; é projetar-se à frente em direção ao novo, ao desconhecido, ao que só se descobre vivendo a experiência do caminhar.

2.5. Segunda Ficha-resumo

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. (Lévy, 2001: 158)

As condições de trabalho oferecidas aos professores do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio são motivadoras. Temos a liberdade de decidir sobre nosso plano de aula e suporte técnico e cooperativo para realizá-lo. Atento à velocidade das transformações exigidas pelas NTDICs, um novo currículo de COM já está em discussão e talvez nos conduza a maior interação entre as disciplinas e, até mesmo, entre as salas de aula. Em tempos de bits, os espaços físicos de ensino-aprendizagem merecem ser repensados, assim como o percentual de aulas presenciais obrigatórias.

Nesse sentido também propõe a Sala de Aula Interativa do educador Marco Silva (2004:

O professor não o oferece à distância para a recepção audiovisual ou "bancária" (sedentária, passiva), como criticava o educador Paulo Freire. Ele propõe o conhecimento aos estudantes, como o artista propõe sua obra potencial ao público. (...)

O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor (...) O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos. (Sala de Aula Interativa, 2000: p.64)

O *professortexto.blog* transformou-se numa prática de leitura que se fundamenta na interação, na interlocução e na parceria. As NTDICs permitem novas pontes, novas mediações de ensino-aprendizagem com interfaces mais atraentes e motivadoras. Neste sentido, o modelo interdisciplinar do Design é inspirador, porque parte de uma atitude projetual que considera o meio, o mediador e o usuário em benefício de todos.

Dentre as aptidões necessárias para o bom desempenho de sua atividade, o designer deve ser capaz de 'transitar interdisciplinarmente', ou seja, deve ser capaz de dialogar com especialistas de outras áreas de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em equipes (...) na elaboração e execução de pesquisas e projetos. (Couto, 2004)

Assim que comecei a estudar o Design como campo do conhecimento aplicado, percebi que existem muitas interfaces com disciplinas das áreas social e humana. É claro que são muitas as diferenças que não cabem evidenciar nesta pesquisa. Entretanto, Comunicação Social e Design lidam com a relação humana e suas implicações para o desenvolvimento da sociedade. Ambos priorizam uma resposta para problemas produtivos ou de mercado. O que muda é o modo de intervenção no problema (Bonsiepe,1978).

No próximo capítulo, vou descrever o processo e as dinâmicas desenvolvidas para vinte e nove alunos do terceiro período de Comunicação Social da PUC-Rio, matriculados na disciplina Técnicas de Comunicação Social II. As dinâmicas foram realizadas durante o primeiro período de 2010.